



DERMAPED
4º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE
DERMATOLOGIA PEDIÁTRICA
PORTO ALEGRE - RS | 29 DE JUNHO A 01 DE JULHO DE 2023

**29 DE JUNHO
A 01 DE JULHO
DE 2023**

Centro de Eventos do BarraShoppingSul
Av. Diário de Notícias, 300, Cristal, Porto Alegre - RS



Trabalhos Científicos

Título: Impacto Da Pandemia No Diagnóstico De Hanseníase Em Idade Pediátrica

Autores: AMADEU JOSÉ RODRIGUES QUEIRÓZ (FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO)

Resumo: Indicadores epidemiológicos de hanseníase em idade pediátrica demonstraram persistência de transmissão dentro da comunidade, por se tratar de condição de longa incubação. Com a pandemia de COVID-2019, os serviços de saúde reduziram atendimentos em todos os níveis de saúde. Analisar dados epidemiológicos pediátricos da hanseníase entre os anos de 2014-2019, pré-pandemia, e 2019-2021, durante a pandemia. Estudo ecológico de dados epidemiológicos relacionados a hanseníase em população pediátrica com idade inferior a 15 anos, nos períodos de 2014-2019, e de 2019-2021. Valeu-se de análises de dados epidemiológicos brasileiros obtidos de registros oficiais do Ministério da Saúde do Brasil/Sistema de Informação de Agravos de Notificação no período de 2014 a 2021. Em 2014, foram registrados 31.044 casos novos de hanseníase no Brasil. Em 2019, 27.864. Houve, queda de 10% nos registros de novos casos nesses 6 anos. No fim do ano de 2021, foram registrados 18.318, logo, redução de 34%, em relação a 2019. Em pacientes menores de 15 anos, no ano de 2014, 2341 pacientes receberam diagnóstico de hanseníase. Em 2019, 1.545. Logo, houve em 6 anos, redução de 34% na incidência de hanseníase em idade pediátrica. No ano de 2021, 761 pacientes pediátricos receberam diagnóstico de hanseníase. Houve entre 2019 e 2021, redução de 50% no diagnóstico de hanseníase em idade pediátrica. A taxa de detecção de casos novos em 2014, em idade pediátrica, foi de 5,03/100.000 habitantes. Em 2019, 3,44/100.000 habitantes. Houve, assim, redução de 31% na taxa de detecção, no período 2014-2019. No ano de 2021, a taxa de detecção foi de 1,73/100.000 habitantes. Portanto, entre 2019-2021, houve redução na taxa de detecção de 49%. Com a implementação de medidas de controle de doenças infecciosas, como a hanseníase, espera-se redução em indicadores de prevalência e incidência. Havia tendência a redução de frequências de hanseníase antes de 2019. Porém, no período pandêmico a redução de frequências de casos foi muito maior e incoerentes com o que se esperava com base em medidas de tendência apresentadas entre 2014-2019. Logo, as reduções drásticas observadas entre 2019-2021 não devem ser recebidas como bons resultados, mas, sim, com grande preocupação. Essa redução, seguindo tendência de outras comorbidades, muito se deverá a redução efetiva da capacidade de diagnóstico, a redução de acessos reais a saúde em todos os níveis de assistência. A médio prazo, é possível esperar aumento da taxa de detecção em todas as faixas etárias, incluindo a faixa pediátrica. A longo prazo, aumento global da doença e de suas incapacidades. A pandemia foi fator de menor busca por assistência, restrição de consultas ambulatoriais e priorização para a COVID-2019. Assim como demonstrado em melanoma e síndromes coronarianas, houve, para a hanseníase menores taxas de diagnósticas o que tende a repercutir em saúde pública ao longo de décadas.